

80
252
SA
15175¹⁸
J. A. PIRES DE LIMA

DEP. LEG.

Preparatórios Médicos



/ R. 169759

SEPARATA DO

Jornal de Médico

VIII (181) 167, 1946

LIBRARY OF THE
MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY



189254



Levantou-se na imprensa portuguesa grande discussão a respeito da necessidade urgente de reformar o ensino de todos os graus.

O mais visado, pelo seu atraso, é o ensino médio. Como o primário, o superior e o técnico, está à espera que surja, entre nós, um autêntico reformador, capaz de criar um ensino verdadeiramente português, sem qualquer submissão a moldes franceses, alemães, ingleses ou americanos.

Lembremo-nos que Portugal é independente há oito séculos e que já deu lições ao mundo inteiro.

Precisa, realmente, das lições de todos, mas, acima delas, deve aceitar as lições dos seus antepassados.

Diz-se muito mal do ensino dos liceus, e eu fui um dos que mais o criticou (1).

Disso me lamento, quando medito as palavras do divino Mestre (2): — «Esta mulher foi agora mesmo apanhada em adultério. Ora Moisés, na lei, mandou-nos apedrejar tais pessoas. Que dizes tu, pois?

O divino Mestre rabiscava, distraído, no chão, parecendo não ligar importância ao caso.

Insistindo os judeus, disse Jesus: «O que de vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire a pedra». E continuou a rabiscar na terra.

Os acusadores retiraram-se pouco a pouco, a começar pelos mais velhos.

E ficando só com a acusada, perguntou Jesus: «Onde estão os que te acusavam?

(1) *J. A. Pires de Lima* — Fora da Aula — Porto, 1929 — Cap. XLIV.

(2) Evangelho segundo S. João, VIII, 1-11.

Ninguém te condenou?» Ela respondeu: «Ninguém, Senhor!» «Nem eu te condenarei», disse Jesus.

Vai-te embora e não cáias noutra...

Acusam-se os liceus de quererem fornecer aos alunos matérias que eles não podem assimilar, e realmente assim é.

Faz-me lembrar um dito espirituoso do antigo director do Instituto Industrial e Comercial do Porto, Dr. Paulo Marcelino Dias de Freitas, a propósito das lições dum conhecido professor daquele Instituto e da antiga Academia Politécnica:

«F. dá, na aula, muitas coisas aos alunos, mas eles não as recebem!».

Muito se discute a respeito da finalidade dos cursos secundários e das matérias que ali devem ser ensinadas.

A meu ver, nós, professores universitários, pouco ou nada temos com isso.

Os liceus ensinam o que quiserem, ou o que os mandarem ensinar.

O que nos deve preocupar é a preparação com que os alunos entram para as faculdades, e entendo que, aos corpos docentes destas incumbe o dever de vigiar que os estudantes levem para os cursos superiores um mínimo indispensável de conhecimentos.

Quais são os conhecimentos de maior valor? — pergunta-se há muito, sem haver quem dê resposta definitiva, pois ainda não se sabe ao certo se a filosofia é ou não mais importante que a dança.

Há muitos anos, António Plácido da Costa destinava-se à vida eclesiástica, chegando a receber algumas ordens sacras. Mas, um dia, enfastiou-se dessa carreira, e resolveu formar-se em medicina. Antes de se matricular na Escola Médica, perguntou a um ilustre professor dela quais eram os conhecimentos mais necessários a um estudante de medicina.

O velho lente prontamente respondeu: — «grego e lógica».

Como quer que seja, o Dr. Plácido da Costa conhecia bem o grego, o latim e até o hebraico. E quanto à sua lógica, era de tal força que atrapalhava seriamente qualquer estudante de fisiologia!

Não sei se é indispensável ou não saber grego e lógica. O que sei é que, por ser, ou apesar de ser perito nestas matérias, o Professor Plácido foi o maior dos nossos oftalmologistas.

Prosseguindo o nosso raciocínio, direi que devemos deixar os liceus ensinar o que quiserem.

Mas, à entrada da nossa Faculdade, devemos averiguar se os candidatos à profissão médica têm a necessária preparação para receber as nossas lições.

Que precisa de saber um rapaz que se propõe formar-se em medicina?

Eis o que, sobre o assunto, pensa um dos mais velhos professores:

1.º — Antes de mais nada, precisa de mostrar que é um bom português, falando e escrevendo, com toda a correção e perfeita clareza, a nossa língua.

Deve conhecer a nossa história e a importância que teve na civilização o povo português, qual foi o papel, na descoberta da terra, do Infante D. Henrique e seus discípulos. Deve conhecer a nossa literatura, pelo menos o valor dos escritores que seriam a glória de qualquer nação — Camões, Gil Vicente, Fernão Lopes, P. António Vieira e Camilo Castelo Branco.

A respeito da cultura portuguesa, devem pôr-se de parte as consabidas superstições políticas e filosóficas que tanto nos prejudicaram — e não aceitar os exageros acerca da perseguição aos judeus, da influência nefasta dos jesuitas, do valor transcendente do Marquês de Pombal, da influência do liberalismo e da república nos progressos da Nação.

2.º — É preciso que o estudante de medicina saiba observar. Por isso, é preciso ter conhecimentos de história natural.

É preciso que saiba descrever com exactidão e clareza um animal ou uma planta. Seria utilíssimo que, à descrição, soubesse acrescentar um desenho à vista, do exemplar.

3.º — Precisa de ter noções de física e química, e de ser capaz de executar e compreender as mais simples experiências científicas.

4.º — Precisa de ter noções de matemáticas elementares e ser capaz de elaborar uma estatística e um gráfico.

5.º — Precisa de conhecimentos elementares de algumas das principais línguas vivas. Todos precisam de entender qualquer texto português e espanhol e, além disso, devem ser obrigados a compreender um compêndio ou uma

revista médica escritos em duas línguas à sua escolha, entre as quatro mais comuns: francês, inglês, alemão e italiano.

Todos estes conhecimentos deveriam ser considerados indispensáveis a quem pretendesse ingressar na Faculdade de Medicina.

Antes de darem ali entrada, um juri composto de professores da Faculdade procederia a um rigoroso exame de entrada ou *exame de madureza*, como antigamente se dizia, com tanta propriedade.

Ali é que estaria a barreira, onde se eliminariam os incapazes. No exame de madureza se fazia a selecção, e não durante o curso, hipertrofiando sem necessidade o programa de algumas cadeiras fundamentais, onde o aluno penetra com injustificável horror.



1946
COSTA CARREGAL
PORTO

SEP. — 316